

Opinião

O que aprender com o desastre no Japão

Ricardo Giovanardi*

O desastre que atingiu a ilha do Japão no dia 11 de março entrou para a história como a maior série de *Desastres Naturais e Tecnológicos* sofrida por um país numa única ocasião. Também nenhum antes deles obteve tantos registros em vídeo – alguns familiares chegaram a ser localizados através de sites de vídeos compartilhados. O que podemos tirar de proveito deste terrível evento? Como podemos utilizar as lições que as equipes de *Resposta a Incidentes* japonesas estão dando ao mundo para preparar grandes eventos como a *Copa do Mundo* e as *Olimpíadas* que serão realizadas no Brasil?

História - Outros eventos semelhantes...

Por volta das 5 horas da manhã, em 28 de dezembro de 1908, Messina, na Sicília (Itália), foi atingida por um terremoto de 7.5 de magnitude e, logo em seguida, por *tsunamis* de 15 metros de altura, atingindo uma velocidade de 800 km por hora.

Segundo registros das marinhas Russa e Britânica, que prestaram os primeiros atendimentos aos sobreviventes, elas estabeleceram a ordem e iniciaram as operações de salvamento e socorro, presenciando as cenas mais fortes que um homem poderia presenciar. O caos, o pânico, a peste e o desespero estavam soltos na cidade e sem previsão de sair. Todos dormiam quando Messina foi atingida pelos primeiros tremores e quem conseguiu sair de suas residências foi atingido por *tsunamis*, desabamentos de prédios ou explosões que se seguiram aos primeiros tremores. Não havia para onde fugir. Registros apontam para um número aproximado de 160 mil mortos¹.

Evento no Japão...

Ao contrário de Messina, o Japão não foi atingido de surpresa e a *Resposta ao Incidente* não demorou tanto tempo para iniciar. O Japão, que frequentemente é atingido por terremotos e tem alguns registros de *tsunamis*, vem ao longo do tempo preparando a sua nação para responder a um desastre natural. Suas

construções são preparadas para tremores de terra, a população é constantemente treinada e está preparada para reagir ao desastre de forma organizada, assim como os órgãos de Defesa Civil e as Forças Armadas.

Mas o Japão não está sofrendo somente os efeitos de um desastre natural e, sim, sua principal consequência: o desastre tecnológico nuclear. Suas construções são preparadas para tremores de terras ou *tsunamis*, mas o que ocorreu neste evento foi muito acima do normal, comprometendo de vez as instalações das usinas.

As lições aprendidas...

O *Desastre Natural e Tecnológico* que o Japão vem enfrentando pode servir como um grande ensinamento para todas as nações que estão realmente preocupadas em proteger sua população e também para as empresas que não querem sofrer uma indisponibilidade em suas operações – com mortes de colaboradores, comprometimento da planta e outras possíveis ameaças.

Podemos aprender com os erros e acertos, pois esta combinação de desastres é uma situação pela qual nenhum país havia passado recentemente. A indústria foi afetada, assim como o comércio e o abastecimento de recursos básicos. Como este conjunto de eventos será tratado? Como as fábricas em solo japonês irão abastecer as outras unidades espalhadas pelo mundo, com componentes fabricados no Japão e o risco de contaminação nuclear? Existe o pós-evento do terremoto e do tsunami e o pós-evento nas usinas nucleares, como será a gestão desta crise? Como recuperar a credibilidade dos produtos fabricados no Japão? Haverá algum impacto nas exportações japonesas? A imagem do país perante a comunidade internacional está sendo cuidada?

Mesmo com todas estas adversidades e o alto número de destruição e mortos, ainda sim conseguimos tirar boas lições da resposta japonesa a este evento. Lições que não podemos deixar aproveitar para melhorar nossos protocolos de *Resposta a Incidentes*:

Primeira Lição - Co-

nhecer ambientes e monitorá-los

A realização das *Análises de Riscos e Ameaças* dos locais onde uma empresa ou uma cidade está instalada é fundamental para os órgãos de Defesa Civil e os serviços de resposta médica. O Japão acionou o alarme de terremoto e, uma hora antes de ser atingido pelos *tsunamis*, acionou sirenes. Os meios de comunicação puderam informar a rota das ondas e a população procurou locais para se proteger, tudo conforme os protocolos de segurança.

Segunda Lição - Utilização dos Planos de Resposta

A população seguiu os planos desenvolvidos de acordo com os resultados das *Análises de Risco*. Ou seja, não foi enviada para um local com risco de desabamento ou de inundação, pois as equipes de Defesa Civil já haviam estudado suas principais. Nenhuma ação foi tomada no improviso, tudo já estava planejado e registrado nos *Planos*.

Terceira Lição - Consolidação da população

Em 2010, a *British Standards Institution* lançou a *PD 25666-2010*, uma norma que trata dos aspectos de todos os testes a que planos de contingência, recuperação de desastres e emergências precisam ser submetidos. Lançou também a *PD 25111-2010*, que trata dos aspectos humanos com os quais um plano precisa estar preocupado.

O *Programa de Consolidação* também precisa levar em conta como a equipe de *Resposta a Incidentes* está tratando a população que atende, pois há diferenças culturais e regionais a serem previstas. Realizar testes e simulações constantes ajuda a preparar a população a auxiliar as equipes de *Resposta a Incidentes*. O simples fato de um morador não entrar em uma área alagada, por exemplo, diminui o risco de morte e de doenças. Evitar se tornar mais uma vítima no centro médico já é uma enorme colaboração.

Quarta Lição - O Monitoramento e o Aviso

Monitorar todas as ameaças que possam atingir uma

cidade é uma grande responsabilidade de um *Centro de Gerenciamento e Monitoramento de Desastres*. A tecnologia somente será útil se utilizada de forma correta. De nada adianta o possuir os mais avançados equipamentos, se a equipe não estiver preparada para identificar o surgimento de uma ameaça e acionar os alarmes e planos para a população. O Japão, em conjunto com outros *Centros de Monitoramento do Pacífico*, conseguiu prever os *tsunamis*, avisar a população com uma hora de antecedência e iniciar todos os protocolos de emergência. "Abusar" da tecnologia é um fator muito positivo: o uso de *SMS* para notificar a população da eminência de um grande evento, por exemplo, é uma excelente estratégia.

Quinta Lição - Resposta ao Incidente

As equipes precisam estar prontas para responder aos incidentes. Máquinas, tratores, barcos, ferramentas pesadas e quaisquer outros equipamentos necessários precisam estar disponíveis para emprego imediato. Caso a organização não os tenha, é preciso identificar onde se conseguirá obtê-los, verificar qual fornecedor ou parceiro levará menos tempo para chegar ao local do desastre. Também é preciso saber quais especialistas podem auxiliar, tanto no trabalho de resgate quanto no gerenciamento da crise.

Outra questão a ser tratada: e a logística de todas as equipes está sendo bem realizada? Há combustível para os equipamentos, água potável para as equipes e a população, meios de comunicação disponíveis (satélite, GPS, Rádio Amador), hospital de campanha, banco de sangue móvel, material para limpeza, alimentos provenientes de áreas fora da zona de desastre? Enfim, pode-se contar com toda a infra-estrutura e a inteligência necessárias para garantir a *Resposta ao Incidente*?

Também é preciso que haja um único *Centro de Comando*, de onde saiam todas as ordens para a *Resposta ao Incidente*. O nome do gerente da crise deverá ser anunciado e cabe a ele coordenar todos os trabalhos.



Arquivo pessoal

As equipes de *Resposta a Incidentes*, as autoridades e a direção das empresas não podem optar pelo improviso. O improviso neste tipo de situação pode induzir ao erro, à perda de vidas e de patrimônio, além de abalo na imagem do país ou da instituição.

Os desastres de 11 de março no Japão, assim como os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, estão ensinando ao mundo que as ameaças existem e estão rondando as nossas vidas. Mas grande pergunta é: como você está se preparando para responder a incidentes?

¹ SPIGNESI, Stephen J. *As 100 Maiores Catástrofes da História*, (pag. 106 - 109). Editora DIFEL, 2005

*Colaborador do PUC Inovação na área de *Estratégia e Inteligência para Grandes Eventos. Graduado em Processamento de Dados com MBA em Gestão de Tecnologia da Informação e Internet pela Uninove e Pós Graduado em Gerenciamento de Crise - Desastre e Emergência pela Universidade Gama Filho. Certificado pelo BCI - Business Continuity Institute, nível Especialista, e formado em Inteligência Competitiva e Estratégica em Israel. Atuou em projetos de Segurança e Continuidade de Negócios em empresas do segmento financeiro, logístico, manufatura, bens de consumo, alimentos e outros. Fundador do site BCM BRASIL www.bcm-brasil.com.br, relacionado a Segurança e Continuidade de Negócios.*

Notas

Docência

No dia 3/5, a partir das 8h, se realiza no campus Perdizes o 2º *Simpósio Interno - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid /PUC-SP)*, promovido pela Faculdade de Educação. O evento se realiza no auditório "Paulo de Barros Carvalho" (sala 239, 2º andar) e em outras salas do Prédio Novo. O simpósio é voltado a alunos do ensino superior pertencentes ao Pibid e a professores da rede pública. Informações: pibid@pucsp.br.

Psicologia

A Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) promove, dia 4/5, das 19h30 às 21h30, palestras em torno do tema *A Clínica na era da técnica: Heidegger e a Daseinsanalyse*. O evento, voltado a alunos do curso de Psicologia, se realiza no auditório Paulo de Barros Carvalho (sala 239, 2º andar, prédio novo). As 19h30, o professor Marco Antonio Casanova (UFRJ) fala sobre *A clínica na era técnica*; em seguida, João Augusto Pompeia, professor da PUC-SP, fala sobre *A clínica na era da técnica*. A medição é do docente da FCHS e pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias, Hélio Roberto Deliberador. Após as palestras haverá o lançamento do livro *A clínica na era da técnica* (Ed. Via Veritas), de João Augusto Pompeia e Bilê Tatit Sapienza.

Segurança

Lembramos a todos a necessidade de manter a atenção aos seus pertences, nos espaços da Universidade. A Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias considera que este cuidado colabora na prevenção de furtos e na segurança da PUC-SP. Além da atenção da comunidade, a Pró-Reitoria tem mantido contato com entidades externas (Polícia, Prefeitura e Conseq-Perdizes) no sentido de melhorar as condições de segurança no entorno do campus Perdizes.